

6 CONCLUSÃO

A proposta de nossa pesquisa objetivou levantar a questão da Liberdade Cristã à luz do reformador João Calvino no contexto na modernidade e da pós-modernidade. Em face de tal cultura, repleta de luzes e de sombras, a vocação da Igreja no cumprimento de sua missão querigmática e a relação com a Liberdade Cristã são vitais para o processo de humanização do homem. As tensões sempre existiram, existem e existirão no exercício do anúncio do evangelho e na liberdade que o próprio evangelho carrega, sobretudo no atual contexto em que vivemos, com grandes exacerbações de fundamentalismos, por um lado, e de liberalismos na outra ponta. Por isso o objetivo da tese é discutir o tema da Liberdade Cristã em João Calvino, na busca de oferecer uma resposta cristã e protestante ao nosso tempo.

Para tanto, no primeiro capítulo, fez-se necessário uma leitura descritiva do nosso tempo, verificando o atual momento histórico, sobretudo o seu *ethos*, vital na constituição e formação da cultura. Por isso, contemplamos a modernidade e a pós-modernidade em suas dimensões sociocultural, econômica, antropológica e religiosa, estabelecendo uma definição para cada um dos seus paradigmas.

A via pela qual percorremos foi de fundamental importância não apenas para análise do nosso tempo, mas também para obter elementos de aferição sobre o pluralismo religioso que campeia nossa cultura, inserir o objeto de nossa tese, a partir do lugar em que estamos e apresentar como a proposta do evangelho tem sido apresentada no cenário evangélico brasileiro.

Um dos elementos focais da tese foi constatar o caldo religioso pluralista no qual a cultura religiosa está inserida e como a sociedade está marcada pela desesperança e por um vazio existencial muito grande, afetando diversos setores da sociedade e, conseqüentemente, da vida humana, fruto de uma cultura predominantemente marcada pelo poder do econômico, no qual as leis do mercado é que ditam as normas das relações humanas e do próprio homem com a criação, tornando a nossa casa um lugar praticamente inabitável.

Como decorrência dessa questão, trouxemos à tona as questões crísticas, com suas implicações teológicas para o cristianismo, tendo como pano de fundo o Diálogo Inter-religioso, visto que, como resultado da pluralidade, constatamos que nenhuma religião pode arvorar-se de se ver absoluta em suas verdades, sobretudo, em detrimento das demais. Na outra ponta, verificamos o fato de que todas têm o mesmo direito à verdade. O cristianismo encontra-se nessa fluidez de verdades e absolutos, carregando em si verdades absolutas. Verificamos os desafios de se viver a fé cristã nesse contexto, tendo que transitar e se colocar entre os paradigmas exclusivista, inclusivista e o pluralista no diz respeito às questões cristológicas e soteriológicas.

Ainda pior foi constatar uma presença evangélica na sociedade alienada e alienante, em muitos dos seus segmentos, vencida, também, pela cultura de mercado, oferecendo um evangelho descaracterizado, uma fé tornada produto e comercializada – e com ela toda uma *linha de produtos* que anunciam a felicidade. Nesse contexto, mais do que nunca, as portas se abriram para a perda dos valores morais, éticos, religiosos, com sua máxima relativização e com sérias conseqüências para as estruturas familiar, social, cristã, educacional, apenas para citar algumas.

E mais, o grande paradoxo pós-moderno é que o homem não deixou de ser religioso, ao contrário, mas agora é adepto de uma religião de consumo, alinhada aos ditames mercadológicos cujo centro é antropológico. É uma religião em detrimento de uma espiritualidade integral, relevante, significativa e marcante. Eis o grande desafio para intercambiar o querigma da Igreja e a liberdade cristã, tendo como interlocutores os homens e as mulheres vencidos por essa cultura.

Emergem desse paradigma da pluralidade, como marca tangível da modernidade e da pós-modernidade, as diversidades cristológicas, crísticas e, conseqüentemente, soteriológicas. E o resultado final é uma multiplicidade eclesiológica. Portanto, cremos na importância da pesquisa não só para levantar tais questões, mas também para reforçar o papel da Igreja como agente de transformação histórica, expressão e sinal do Reino de Deus, instrumento na promoção de libertação no profundo serviço de resgate do vital humano pela ação libertadora e libertária do genuíno evangelho de Jesus Cristo.

Entendemos que a temática da Liberdade Cristã em João Calvino só ganharia ainda mais relevância tendo, como pano de fundo, esse quadro sociocultural-econômico e antropológico-religioso.

No segundo capítulo, fizemos uma incursão de cunho histórico sobre o período preparatório à Reforma do Século XVI e o Movimento propriamente dito, que foi muito além das fronteiras religiosas, tendo repercussões na vida política, social, econômica e cultural, bem como fornecendo caminhos para a segunda geração de reformadores, que foi o caso de João Calvino.

Em seguida, contemplamos, de forma bem detalhada, a vida e a formação de Calvino, os caminhos percorridos como humanista e homem dedicado aos mais diversos estudos. Verificamos que a Reforma Protestante do Século XVI nasceu na Alemanha, com o grande reformador Martinho Lutero (1517). Entretanto, no contexto na Reforma, surgiu o que chamamos de *Movimento Reformado*, na Suíça, num primeiro momento com Ulrico Zuínglio e, mais tarde, com João Calvino, em Zurique e Genebra, respectivamente.

Fato importante de destaque é a constatação de que Calvino foi um dos principais líderes e articuladores de todo o *Movimento Reformado*, sistematizando as grandes concepções teológicas e a estruturação da forma de governo que marcam indelevelmente as Igrejas reformadas ou conhecidas como presbiterianas.¹¹⁶⁹

Nada na Reforma foi conquistado ou construído com facilidade. Na verdade, quebrar paradigmas sempre exigiu grandes esforços. Lamentavelmente a Reforma provocou muitas baixas entre católicos e protestantes. Digo isso, porque, quando Genebra abraçou a Reforma, em 1535, pelas mãos de Guilherme Farel, Calvino, após ter lançado sua 1ª edição das *Institutas*, resolveu viajar a Paris para visitar seus irmãos, mas, em função do período de guerras, teve que tomar outro caminho, passando por Genebra e encontrando-se, então, com Guilherme Farel.

¹¹⁶⁹ O professor de História da Igreja, José Roberto da Silva Costanza, traz uma nota explicativa acerca do governo da Igreja reformada ou presbiteriana, em sua apostila sobre “Os Fundamentos Doutrinários de Calvino”. “O governo da Igreja presbiteriana é comumente chamado de *sistema misto* de democracia e elementos hierárquicos, porque o poder é balanceado entre pastores e leigos e entre congregações e os corpos de governo maiores da Igreja. Embora a estrutura de governo da Igreja presbiteriana varie, usualmente consiste de um sistema conciliar ascendente. Cada congregação é governada por um conselho ou consistório, composto pelo pastor e por presbíteros, que são eleitos representantes da congregação. A congregação pertence ao presbitério, ou classe, que coordena e governa as atividades das congregações dentro de uma determinada área geográfica. São membros de um presbitério todos os pastores e os presbíteros representantes de cada congregação”.

Genebra lutava bravamente contra a tirania do duque chamado Charles III e do bispo, Pierre de La Baume. Assim, Farel persuadiu Calvino veementemente a ficar e lutar ao lado da Reforma. O seu pedido fora tão contundente que Calvino aquiesceu e aderiu ao desafio.

No entanto, depois de muitas lutas, a resistência a Calvino foi aumentando e, em 1538, os partidos oposicionistas ganharam terreno. Calvino sofreu acusações de que adotara posições heréticas. Como vimos, Calvino e Farel foram proibidos de pregar no Domingo da Ressurreição, mas eles pregaram e, assim, foram destituídos dos cargos e tiveram de deixar a cidade. Vejam como a Reforma foi sendo construída.

Calvino passou um tempo exilado, dedicando-se ainda mais aos estudos, mas consciente e seguro de que Deus o havia chamado para a tarefa de reformar a Igreja daqueles dias. Genebra o quis de volta e ele aquiesceu ao chamado e foi capaz de vencer toda a oposição devido a sua dedicação e obstinação. Pela graça de Deus pode ser vitorioso. Este foi o segredo do seu êxito, acrescentado a sua disposição, sua disciplina e sua infatigável energia. Tinha plena convicção de que estava fazendo a obra do Senhor em Genebra.

Foi assim, debaixo de muitas lutas que, definitivamente, Genebra tornou-se um centro de refugiados, uma cidade modelo, no acolhimento e na prática dos ideais da Reforma. O coroamento do trabalho do reformador genebrino foi a criação da Academia de Genebra, organizada em junho de 1559. Seu grande amigo e sucessor, Teodoro Beza, foi o primeiro reitor.

Vimos, também, que, como fruto de seu vasto conhecimento, produziu muitas obras, catalogadas e chamadas de *Corpus Reformatorum*, com 59 volumes, tendo *As Institutas* especial destaque.

Já no terceiro capítulo, dedicamo-nos, em parte, à vida, obra e pensamento de João Calvino. E utilizamos o mesmo espaço para o fulcro de nossa tese, que é a temática da Liberdade Cristã, na qual verificamos o seu conceito de liberdade, especialmente seu pensamento teológico nas dimensões antropológica, cristológica, soteriológica e eclesiológica e a liberdade decorrente desses paradigmas a partir do contexto da Reforma.

Quando tratamos das dimensões teológicas em Calvino e a Liberdade Cristã delas decorrentes, constatamos, por exemplo, que o cristianismo vem enfrentando sérios desafios de plausibilidade, no contexto da pós-modernidade, especialmente em seu paradigma cristológico. Nesse contexto histórico, Deus não ocupa mais o centro, mas sim o homem.

Portanto, o verificamos, nesse novo mundo, que Deus tem sérios problemas de habitação, pois o homem, por ter alcançado sua maioridade, já não mais precisa de Deus e O lança cada vez mais para a margem da existência, com sérias conseqüências éticas para o próprio homem, envolvido agora pelas religiões de consumo, tendo, muitas vezes, o próprio cristianismo como protagonista dessa nova modalidade.

Na verdade, o centro de nossa tese – a Liberdade Cristã – foi extraída a partir da reflexão dos paradigmas antropológico, eclesiológico, cristológico e soteriológico. Para o paradigma antropológico, Calvino não abre mão do fato de que, no homem, reside a imagem de Deus, embora esteja numa situação de alienação do Criador, vivendo em processo de ruptura consigo, com o próximo, com a criação e, principalmente, com Deus, fruto da Queda, de sua livre atitude de desobediência, o que o fez escravo do pecado. Portanto, somente conhecendo a Deus é que poderá conhecer a si mesmo e vice-versa. Mas, no homem, reside a glória do Criador, pois é o ápice, a coroa da criação.

Para o paradigma eclesiológico, temos o quarto volume das *Institutas* como centro desta reflexão, no qual o reformador a apresenta como organismo vivo, sinal do Reino de Deus, proclamadora da mensagem libertadora, agente de transformação histórica e espaço para vivência e convivência daqueles e daquelas alcançados pelo evangelho libertador de Jesus Cristo. Há dois aspectos fundamentais a destacar na visão eclesiológica em Calvino, ou seja, primeiro a busca pelo desenvolvimento de uma espiritualidade na relação com o próximo, transformado em práxis na sociedade e, o segundo, a responsabilidade social na concretização da justiça do Reino. Na verdade, a Igreja é chamada também a ser vanguarda da promoção da justiça social.

No que diz respeito ao paradigma cristológico, o reformador busca, nele, o seu ponto de encontro entre sua visão antropológica e eclesiológica. Para Calvino, a redenção do homem e sua conseqüente liberdade, estão na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Em Cristo reside todo o propósito redentor de Deus e toda a plenitude da graça do Pai. Verificamos três princípios na cristologia calvinista: Primeiro, ela está em harmonia com a Escritura Sagrada e toda a tradição cristológica. Segundo, sua cristologia traz implicações práticas para o exercício da vida cristã individual e comunitária. Terceiro, ela revela de forma clara o projeto redentor que norteou toda a práxis cristã em Genebra.

E, por fim, do paradigma soteriológico concluímos que somente Jesus Cristo possui valor salvífico único e universal. Mesmo em pecado, a vida humana é marcada pela ação de Deus, ou seja, para Calvino, foi dado ao homem conhecer e experimentar a maravilhosa obra de redenção de Deus, na pessoa bendita de Jesus Cristo, seu unigênito Filho, que desde os tempos mais antigos foi sendo revelado ao homem, como Aquele que haveria de vir e que, na plenitude dos tempos, veio e revelou em Sua face todo esplendor da graça do Pai.

Dessa forma, Deus insistiu em trazer a liberdade de volta ao homem, o que significa dizer que o estado pós-queda do mesmo, pela graça de Deus, não carrega em si a tragédia da palavra final sobre a história humana. Como dissemos no corpo do terceiro capítulo, à semelhança do relato da criação: “Na qual a terra era sem forma e vazia e o caos fazia parte daquele cenário, o Eterno Deus haveria de intervir na história humana, a fim de transformar o trágico em restauração”. O pecado não venceria o propósito para o qual Deus criara o homem.

Vimos, também, que a liberdade cristã, segundo o pensamento do reformador de Genebra, é liberdade que plenifica o homem, que humaniza o desumanizado, e que gera relações saudáveis em todas as dimensões da existência humana. O elemento fundamental à liberdade está na oferta que Deus faz de Si mesmo na pessoa e obra de Jesus Cristo e operada pelo Espírito Santo, outorgando ao homem a justificação.

Assim, impõe-se o desafio de resgatar o conteúdo do verdadeiro do evangelho de Jesus Cristo, sobretudo pelas Igrejas Cristãs históricas, seja Católica, sejam Protestantes, pois cremos que a grande alternativa viável para esse tempo será a proposta genuína do evangelho libertador, capaz de oferecer sentido de vida ao homem, pela mediação salvífica de Jesus Cristo, com uma eclesiologia teológica e focada nas necessidades do homem pós-moderno, não de uma eclesiologia que atenda às exigências de uma sociedade de mercado, marcada pelo consumismo, inclusive religioso.

Quando partimos para o quarto capítulo, buscamos uma investigação detalhada acerca da liberdade cristã, a partir da vocação de Deus, que Se deu e Se dá, cotidianamente, na gratuidade de Jesus Cristo, que trouxe definitivamente o Reino de Deus e com Ele a verdadeira liberdade pelo seu estabelecimento nos corações dos homens, através do próprio senhorio do Filho, operado pela ação do Espírito Santo. Tudo foi verificado nas páginas dos evangelhos, desde a Encarnação até a morte e ascensão de Jesus Cristo. Verificamos, também, o nascimento da Igreja, espaço de vivência e convivência dos alcançados pela oferta do Pai, tornando-se o espaço primeiro para a práxis da liberdade, pela contínua dinâmica do Espírito Santo.

Oportuno destacar que o comissionamento do Senhor Jesus à Igreja visava a devolvê-los à sociedade a fim de que pudessem viver a liberdade ofertada por Deus com tal intensidade, que a missão do Filho obtivesse continuidade através de Seus discípulos, vivendo e proclamando o evangelho, que convida à liberdade, e agindo, concretamente, na história, para promoção de uma nova sociedade com sinais tangíveis do Reino do Pai.

No quarto capítulo, fomos buscar, também, o conceito mais profundo de liberdade cristã a partir da pessoa, obra e mensagem de Jesus Cristo. Na verdade, a liberdade cristã a partir do Reino de Deus anunciada e vivida por Ele. Como dissemos, desde a encarnação até a sua ascensão, encontramos em Jesus os verdadeiros traços da liberdade que o Pai deseja que Seus filhos vivam. Ou seja, a vocação de Deus para cada um de seus filhos é a liberdade em Cristo Jesus, Seu bendito Filho, que, livremente, encarnou-se para o estabelecimento do Reino do Pai e para salvação do homem perdido, completamente afastado do seu Criador.

Portanto, a grande mensagem extraída dos evangelhos é o Reino de Deus, que, na verdade, tem culminância histórica através do Seu domínio sobre os corações dos homens. Ou seja, o Reino anunciado e vivido por Jesus trazia como centro da soberania do Pai sobre todas as coisas e sua ação deliberada em redimir integralmente o ser humano. Verificou-se que Jesus não trazia um novo Reino, mas a irrupção, a chegada, o desvelamento deste Reino que sempre existiu. Fundamental observação é destacar que tal Reino não possuía nem possui dimensões apenas escatológicas, mas presente, inaugurado *em* e *com* a presença e a mensagem libertadora de Jesus Cristo.

Analisamos, de igual forma, que a Igreja nascente no contexto neotestamentário era e é o espaço para a vivência da verdadeira liberdade, ofertada por Deus em Cristo, tornando-se, também, um valioso instrumento de proclamação do evangelho libertador e de ação transformadora na sociedade na qual ela está inserida, a fim de que os sinais do Reino de Deus sejam cada vez mais visíveis na história.

Digno de nota é a profunda relação entre Jesus e a Igreja, pois ela é vista como o Seu Corpo. Há uma identidade espiritual e funcional da Igreja com Jesus Cristo. Urge, portanto, destacar na pós-modernidade, que o primeiro e basilar elemento fundante da Igreja é o cristológico. Sendo assim, emerge de tal afirmação o fato de que a salvação é um ato exclusivo e por excelência de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Como dissemos, “a presença humana de Jesus Cristo e os seus atos libertadores são a presença e os atos do próprio Deus no meio do povo e para o povo”.

Revelamos, também, que o Espírito Santo compõe a base da Igreja neotestamentária. Na verdade, ela só ganha vida e dinamismo pela força e ação do Espírito. Por isso ser ela chamada de Igreja Pneumática. Somente pelo Espírito é que a Igreja pode viver a verdadeira liberdade, expressando sua real identidade, autenticidade, autoridade e conquistando o que mais tem faltado, plausibilidade.

Importa reafirmar mais uma vez que a Igreja está fundamentada sobre a Palavra de Deus, que é um paradigma teológico de sua ação querigmática. No ambiente de derretimento dos valores e da relativização de todas as verdades, impõe-se o desafio da genuinidade da Palavra de Deus, a fim de que não tenhamos uma anunciação evangélica superficial acerca do Jesus histórico e do Cristo da fé.

Assim como Igreja de Jesus Cristo, nós vivemos o tempo do anúncio e do testemunho, sendo a continuação do Reino jamais sua totalidade, mas sinal do Reino de Deus na história da humanidade.

No quinto e último capítulo de nossa tese, buscamos articulá-lo com todos os demais capítulos com a intenção de confrontar a realidade pós-moderna com as verdades bíblicas no que tange à liberdade cristã e resgatar dimensões importantes da teologia de João Calvino, a fim de que verifiquemos a atualidade de seus escritos e de seus pressupostos teológicos, face aos desafios inerentes à pós-modernidade.

Lamentavelmente a constatação a que chegamos foi de que, de modo geral, a sociedade atual procura a liberdade pelo caminho do individualismo, vivendo drasticamente a síndrome de narciso, equivocadamente confundida como liberdade. Fruto de uma sociedade egocentralizada.

No entanto, propusemos como encontro da verdadeira liberdade, a graciosa oferta da Boa Notícia – o Evangelho libertador –, vivida e anunciada por Jesus Cristo, que não apenas liberta o homem, mas o torna cada vez mais livre na medida em que vive na dimensão do outro. Tomamos Jesus Cristo como modelo absoluto dessa via, que, como dissemos, “ultrapassa todos os tempos e barreiras culturais, ideologias religiosas, interesses econômicos”. Aqui, encontramos a grande resposta do cristianismo ao mundo em que vivemos.

A beleza doutrinária do reformador pode ser vista, também, na capacidade de olhar a Palavra de Deus como sua ação contínua na história, transformando a vida individual, a social e a eclesiástica. O homem é desafiado a perceber-se, diante de Deus, como pecador e alvo da graça do Senhor, como “destinatário de uma vida nova”,¹¹⁷⁰ ao mesmo tempo.

Do ponto de vista eclesiástico, seu desafio constante, foi discernir a realidade à sua volta, fossem realidades sociais, políticas, econômicas e espirituais, e responder à luz da viva e dinâmica Palavra de Deus. Eis uma postura ético-cristã sincrônica, em evolução com as novas demandas humanas. Sua ética social é surpreendente pelo não engessamento das regras morais e pela constante interpelação ao homem de viver a justiça do reino, imutável que é, à luz das novas circunstâncias que vão surgindo no cenário da vida.

¹¹⁷⁰ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, op. cit., p. 668.

A partir da célebre frase *Ecclesia reformata et semper reformanda est* - *A Igreja Reformada está sempre se reformando* -, há um grande desafio à Igreja Protestante Reformada e, porque não dizer, ao cristianismo de modo geral, em todos os lugares, com maior ou menor ênfase, de que esta precisa ser a tônica da Igreja na pós-modernidade diante dos gritantes e urgentes desafios que requerem da Comunidade de Fé uma postura cada vez mais adequada aos novos tempos e, ao mesmo tempo, sem abrir mão de seus pressupostos bíblico-teológicos. Reconhecemos que a Reforma do Século XVI nasceu com a proposta de contestação, de mudanças radicais nas bases da fé cristã, apresentando-se como revolucionária, libertadora e alternativa, mas, paradoxalmente, vem sofrendo os golpes sutis de uma ortodoxia engessada, para não dizer um tradicionalismo fechado, anacrônico, alienado de sua realidade. Ou seja, o princípio reformado vem sendo esquecido. Eis o nosso desafio e grande tarefa eclesiológica na pós-modernidade.

Assim, a presença e a ação querigmática da Igreja na história, evidenciam e concretizam a realidade do Reino de Deus, uma vez que o anúncio das Boas Novas do evangelho libertador realiza a salvação presente e plenitude salvífica futura.

Mais do nunca a ação querigmática da Igreja precisa olhar para a práxis de Jesus como modelo último de ação na história, pois tradições e prescrições meramente humanas eram sempre relativizadas em função do ser humano, ou seja, qualquer tipo de religiosidade opressora era questionado, diante de sua autoridade e liberdade, visando a promover a liberdade do homem, na medida em que revela a face de um Deus sem qualquer intenção de aferir as ações meritórias do homem - religiosas - para com Ele, mas seu desejo sempre foi demonstrar a expressão acolhedora do Pai, que chama, ama e perdoa, sem requerer nada em troca, senão a resposta do amor. Contemplar o ministério de Jesus como modelo eclesiológico foi perceber, claramente, sua capacidade em revelar o mistério de Deus aos homens e mulheres de seu tempo, sobretudo, os mais simples e marginalizados.

Resgatar a Liberdade Cristã, no contexto da pós-modernidade, significa ressaltar que, na verdade, toda a teologia calvinista é essencialmente cristológica, mediada, conseqüentemente pela unicidade e universalidade salvíficas em Jesus Cristo. Tal verdade ultrapassa a concepção teológica de que Jesus é o único mediador entre Deus e os homens, mas concretiza a verdade da eternidade do Verbo encarnado, eternamente concebido ou gerado do Pai, como afirma a tradição dos primeiros e grandes Concílios.

No entanto, entendemos que tal asseveração acontece sem perder a dimensão do diálogo religioso, o que não significa, por exemplo, que teremos que abrir mão do que cremos. Trata-se do desafio de integrar sem se perder, anunciar, mas estar aberto em aprender e apreender. A Liberdade Cristã abre-nos a visão para o fato de que o Espírito Santo age livremente na história a fim de realizar o plano redentor de Deus na pessoa de Jesus Cristo.

Os paradigmas cristológico e soteriológico são fundamentais a fim de que combatamos, em muitos segmentos religiosos, a religião de mercado da pós-modernidade, completamente vazada pelo poder econômico, na quais a graça de Deus tem sido esquecida e, em seu lugar, erguida uma religiosidade antropocentralizada e a fé comercializada.

A Liberdade Cristã transita, também, pela concepção antropológica, demonstrando a natureza do homem antes da Queda, em profunda e constante relação de intimidade com Deus, tendo sido criado à Sua imagem e semelhança. No entanto, após a Queda, tornou-se um errante e em constante processo de ruptura com o Criador. Deixou sua condição de aliado de Deus para viver alienado dele. Como afirmamos, “a ruptura com Deus trouxe uma desintegração do ser humano, pois a relação criatura-Criador deixou de existir em plenitude”. Vimos que, na sábia visão de Nilo Agostini, “o vital humano fora tremendamente afetado, alterando completamente seu *ethos* e trazendo danosas conseqüências à vida pessoal e em comunidade”. Mas, para Calvino, mesmo pecador, o homem reflete ainda traços da glória de Deus, embora em estado de morte espiritual, portanto, carecente da graça salvadora de Jesus Cristo, único capaz de restaurar o seu vital humano.

Portanto, no cumprimento de sua missão, compete a Igreja anunciar a verdadeira e integral salvação em Jesus Cristo, única capaz de promover e integrar o homem, restaurando-lhe todas as dimensões da vida, ou seja, salvação que atinja seu *status quo* e seu *modus vivendi*.

Do ponto de vista das implicações éticas e da práxis libertadora da Igreja diante dos desafios da pós-modernidade, destacamos o fato de que, para o reformador genebrino, há muitos cristãos nominais, “não tendo nada de Cristo exceto o título”.¹¹⁷¹ Sendo assim, o evangelho jamais pode ser visto apenas como uma religião meramente moral ou um amontoado de doutrinas discursivas. Ao contrário, o evangelho libertador passa, necessariamente, por uma profunda e radical experiência com o Cristo ressurreto, causando ao homem uma nova visão de vida e um novo estilo de vida.

Finalmente, não podíamos deixar de falar sobre as influências do reformador na sociedade, a partir de uma teologia libertária. Assim, temos que destacar a grande contribuição de Calvino para a transição da Idade Média para a Era Moderna. O reformador foi capaz de conjugar a questão da visão econômica com a visão moral, integrando-as, embora sendo uma tarefa difícil, sobretudo para o seu tempo, visto que a separação era comum entre os pensadores modernos e antigos. Articulou as novas mudanças econômicas do seu tempo numa prática diferenciada da existente até então.

Nesse sentido, Calvino enxergou as mudanças sociais a partir da Igreja, alcançando suas mais diversas áreas, por meio de uma vida cristã autêntica e disciplina, visando sempre à glória de Deus e a expansão do Seu Reino. Ora, se a transformação da sociedade se dá a partir da Igreja, deduz-se a atividade de homens e mulheres regenerados pelo Evangelho libertador, que os tornou livres em Cristo, e que, portanto, passaram a nutrir uma nova visão de mundo, entendendo, por exemplo, todas as atividades humanas como espirituais, visto que o homem, nascido de novo, pratica a vontade de Deus em todas as dimensões da vida, posto que recebesse do Pai capacitação para tal, através dos dons naturais e espirituais. Como bem afirmou Kuyper, não há dicotomia na vida cristã, pois tudo que ele realiza, o faz dentro da cultura, utilizando-se da cultura e servindo à cultura.¹¹⁷²

¹¹⁷¹ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 181.

¹¹⁷² KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 80.

Quando pensamos na influência do calvinismo, não podemos deixar a sua relação com a cultura, extremamente positiva. Segundo o calvinismo, não há separação ou dicotomia entre cristianismo e cultura, visto que a vida cristã é integral e integrada com a cultura, pois todas as coisas estão sujeitas às Escrituras, ao governo de Deus. Portanto, em última análise, são teonômicas. Daí termos destacado a influência da fé reformada na sociedade, mormente nas áreas da política, da cultura e da economia.

Em outras palavras, o que podemos aprender de Calvino, é uma teologia extremamente articulada com a realidade histórica, sendo, portanto, dinâmica, pronta a dialogar e a responder aos seus interlocutores à luz da Palavra de Deus, a fim de que a presença da Igreja na sociedade fosse atual, relevante e jamais anacrônica.

Ao concluir este trabalho, importa registrar a relevância e a rica experiência de que o labor da reflexão de um teólogo da envergadura de João Calvino é, na verdade, por um lado, um exercício profundamente desafiador e por outro, um imenso investimento no labor teológico, que desemboca no enriquecimento do conhecimento e amplia os horizontes para a continuação da pesquisa teológica. Esperamos, como acontece em outros lugares, que venhamos conhecer, aprofundar e a usufruir mais da teologia deste importante reformador. Soli Deo Gloria!